

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE II)
7 e 11 de março de 2025

20,000 YEARS IN SING SING / 1932
(*Vinte Mil Anos em Sing-Sing*)

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / *Argumento:* Milson Mizner, Brown Holmes, Courtney Terrett, Robert Lord, adaptação de obra de Lewis E. Laws / *Produção:* Darryl F. Zanuck (não creditado), First National / *Produção Associada:* Robert Lord / *Música:* Bernard Kaun (não creditado) / *Direção de Fotografia:* Barney McGill / *Montagem:* George Amy / *Direção Artística:* Anton Grot / *Guarda-roupa:* Orry-Kelly / *Interpretações:* Spencer Tracy (Tommy Connors), Bette Davis (Fay Wilson), Arthur Byron (Diretor Paul Long), Lyle Talbot (Bud Saunders), Warren Hymer (Hype), Louis Calhern (Joe Finn) / *Cópia:* 35mm, a preto e branco, falado em inglês com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 73 minutos / *Estreia Mundial:* 24 de dezembro de 1932, Estados Unidos / *Estreia Nacional:* 25 de maio de 1934, Condes, Lisboa / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Com os holofotes a incidirem na arrogância dos homens poderosos que se arrogam estar acima da lei, a mensagem deste filme “pre-code” de Michael Curtiz ressoará de uma maneira muito direta no espectador dos nossos dias. Um *gangster* que se gaba de ser intocável e indestrutível, física e mediaticamente, é enviado para cumprir pena na temível penitenciária de Sing-Sing. Numa América em crise, onde grassa uma desconfiança crescente em relação aos políticos e em que se assiste a uma concomitante glamourização da figura do *gangster*, a personagem interpretada por Spencer Tracy, Tommy Connors, é paradigmática de um período na história em que se, por um lado, a única maneira de se sair da pobreza extrema era mediante uma “carreira” no mundo do crime (veja-se **Dead End**, o clássico de 1937 de William Wyler, ou, mais relevante, **Angels With Dirty Faces** do mesmo Michael Curtiz, lançado um ano depois), por outro, sente-se que a sociedade americana e, em espelho, Hollywood abalançam-se no sentido de transformar o foradadelei de fato e gravata e modos violentos numa espécie de *pop star*. Recorde-se que **Public Enemy**, o filme que definitivamente lança o género do *gangster movie*, e James Cagney como o seu principal modelo de masculinidade, no fundo e na forma, havia saído apenas um ano antes deste **20,000 Years in Sing Sing**, e que **Scarface** de Howard Hawks saíra nesse mesmo decisivo ano de 1932.

Em vários momentos, olhamos – e até ouvimos – Spencer Tracy e pensamos estar a ver – e a ouvir – esse insubjugável “tough guy” dos anos 30. Mas a ilusão ou alucinação durará pouco: Spencer Tracy é muito mais “coração de manteiga”, como, aliás, se havia revelado no mesmo ano de 1932 num dos melhores filmes de Raoul Walsh dos *thirties*, **Me and My Gal**, interpretando aí um polícia nova-iorquino apaixonado pela mesma empregada de restaurante que o *gangster* Duke Castenega (George Walsh, irmão do realizador). Se Tracy parece começar por canalizar algumas marcas do género eternizadas nos tiques e trejeitos de Cagney, progressivamente adquire um tom mais sentimental. O herói impante, rufia gabarolas que “bate no peito” antes de dizer sobre si mesmo “I have color and personality”, converte-se num símbolo de elevação moral, figura sacrificial, quase crística, ao assumir as culpas da sua amada antes de se sentar na cadeira elétrica. É impossível não se pensar, nesta sequência, na conclusão do futuro clássico do *gangster movie*

assinado pelo próprio Curtis e com o mais sanguíneo James Cagney no papel do condenado: **Angels with Dirty Faces** enforma do mesmo compromisso entre um retrato cruel e estilizado de uma vida de crime com uma visão moral (e até religiosa) sublinhada pelo modo como o (anti-)herói se oferece em holocausto para proteger os mais frágeis e vulneráveis (Tracy em relação à sua devota amada, interpretada por Bette Davis, e Cagney, instigado pelo padre, tendo em mente a educação dos miúdos que o idolatram, reminiscentes dos marginais de palmo e meio de **Dead End**).

Pese embora a dimensão quase documental em que assenta este filme (o argumento adapta um romance escrito por um antigo diretor do estabelecimento prisional, que haveria de ser objeto de um outro filme, lançado em 1940, intitulado **Castle on the Hudson**, de Anatole Litvak, e com John Garfield e Ann Sheridan no elenco) e que tem provocado inúmeras comparações com o grande clássico “pre-code”, lançado também em 1932, **I Was a Fugitive from a Chain Gang**, o filme de Curtiz é algo imprevisível, assistindo-lhe a alta velocidade dramática de um típico filme desta altura; começa como um “prison movie” mas vai converter-se num drama sobre a importância da palavra dada e a força da boa moral (cristã) face ao mundo (apesar de tudo) muito escorregadio do crime. Talvez esta inflexão seja algo inesperada num filme com uma premissa como esta, e com um protagonista tão cheio de si ao início. As primeiras cenas fazem-nos esperar todos os condimentos do cinema de ação (assaz violento) em que o suposto vilão é o nosso herói, mas a personagem de Tracy transforma-se (quase apetece escrever: “vê a luz”) através de duas alianças: uma feita de respeito e de secreta cumplicidade com o diretor da cadeia (Arthur Byron) e outra eivada de um sentimento puro, quase transcendental, nutrido por Fay, a mulher que lá fora o espera (Bette Davis). O resto é transacionável e, por isso, sem valor (veja-se a personagem insidiosa do advogado, encarnada por Louis Calhern).

20,000 Years in Sing Sing foi o único filme em que Tracy e Davis contracenaram juntos. Para um autor como David Thomson, no seu livro *Moments That Made the Movies*, a sua química neste filme é única, superando as crescentes imposições do emergente Código de Censura: “Tracy e Davis não foram educados para fazerem amor, ou fingirem fazê-lo, no ecrã. Mas eles olhavam um para o outro com ânsia e desejo”. Antes, Thomson notara como “[q]uando Tracy diz a frase bastante simples, ‘daria um milhão de dólares para estar sozinho contigo por breves instantes’, acreditamos nele, (...) e não questionamos a química que ambos tinham”.

Luís Mendonça